

O caos na saúde

JOSÉ ARISTODEMO PINOTTI



Conceitos distorcidos e, infelizmente, enraizados em nossa cultura dão conta de que mais vale a versão do fato do que o fato em si. Da mesma forma, acredita-se que uma mentira, repetida inúmeras vezes, assume ares de verdade. A somatória dessas duas máximas da hipocrisia resultou na conclusão, amplamente divulgada, de que a saúde em nosso Estado está um caos cada vez maior.

A consequência imediata dessa "tese subliminar" é estabelecer um bloqueio entre o fato e sua versão. Ou seja, os dados que permitiam conhecer a realidade concreta são substituídos por lugares-comuns de fácil apelo. O ressentimento de profissionais que, ao abandonarem a luta idealística por melhores condições de saúde para a população mais pobre, lançam "denúncias" sem fundamentos racionais ou outros que fazem o mesmo com inconfessos objetivos políticos e eleitorais, têm espaço garantido na mídia (qualquer escândalo ou tragédia é bem-vindo). Ao contrário, a erradicação da poliometrite, a redução da mortalidade por câncer no colo do útero, a triplificação do número de atendimentos, as mudanças estruturais que hoje servem de paradigma para as instituições internacionais da área e a reconstrução do sistema de saúde com mais centros de saúde, leitos hospitalares e equipamentos do que nos últimos 20 anos são informações omitidas, quase "malditas", pois contrariam frontalmente a disseminada tese do caos. Tese possivelmente alimentada, desonestamente, pelos inúmeros interesses contrariados pela profunda mudança no sistema de saúde, que atinge de morte a corrupção, o corporativismo, o clientelismo político e o uso prioritário do aparelho de saúde como local de proselitismo ideológico e corporativista. E, nessa postura cínica e pouco ética, a realidade jamais pode desmentir a versão, mesmo que para tanto seja necessário escondê-la.

Não estou dizendo que tudo vai bem na saúde. Jamais fiz tal afirmação, pois existe uma infinidade de

pontos fracos e deficiências a serem corrigidos. Mas a atitude responsável de quem está realmente empenhado na correção de antigas distorções é desnudar a realidade para, a partir dos dados concretos, atuar nos pontos deficientes. E aqui se situa a segunda — e mais nociva — consequência da tese do caos: ela impede que se conheça a situação de forma isenta e objetiva, levando à adoção de soluções inadequadas. Ou, pior, a um imobilismo travestido de racionalismo e cautela.

Qualquer suspeita ou comentário é válido, desde que sirva para reforçar a versão. Até mesmo a ficção pode ser um instrumento útil. Por exemplo: foi inventado um certo caixa dois na saúde, para propiciar melhorias salariais aos servidores estaduais desse setor. A repercussão dessa "denúncia" ocupou farto espaço

A repetição de chavões em nada contribui para encaminhar soluções

na imprensa. De certo alguns repórteres imaginaram estar diante de uma espécie de Watergate no setor da saúde. A meu pedido, o Tribunal de Contas do Estado fez uma auditoria rigorosa, que concluiu pela inexistência de qualquer irregularidade. Essa conclusão, porém, foi noticiada em poucas linhas, no pé de uma página interna. O resultado da auditoria, se divulgado com a mesma intensidade da "denúncia vazia", impediria que o caso do caixa dois fosse reaproveitado — como tem sido — quando se quisesse dar um exemplo das irregularidades cometidas no setor.

A solução dos complexos problemas da área de saúde deve partir de um conhecimento real, profundo e desapassionado da situação.

A repetição de chavões já gastos — como filmagem de filas (cuja diminuição é evidente com o aumento do atendimento na atenção primária), pronto-socorros cheios (que seguramente estão menos lotados após a implantação de mais 32 unidades na Grande São Paulo e 132 no interior), falta de medicamentos (que hoje são doados gratuitamente para sete em cada dez pessoas que consul-

tam os centros de saúde), a imensa falta de leitos públicos (que é hoje muito menor, em função de construções, ampliações e desapropriações de hospitais inativos) — em nada contribui para encaminhar soluções. Ao não aprofundar a análise, para demonstrar que as modificações estruturais oferecem uma tendência de melhora, se acaba por colaborar com os que querem retroceder ao passado, revertendo a tendência. Em qualquer sistema de saúde sempre haverá uma tragédia para ser iluminada. É preciso entender profundamente as causas desses problemas para encaminhar soluções corretas, evitando discussões estereis, argumentos simplistas e soluções que atendam muito mais a interesses contrariados do que aos interesses e necessidades dos usuários.

Da mesma forma, devemos ter consciência de que modificações estruturais — como a que integrou as clássicas ações de medicina preventiva com medicina curativa nos centros de saúde, criando uma verdadeira atenção primária, a definição de programas que vão detectar precocemente doenças de maior incidência junto à população e a descentralização das gerências, aproximando o responsável do usuário — provocam um aumento acentuado da demanda, antes escondida e reprimida. Analisar a assistência médico-hospitalar pelo tamanho da demanda pode conduzir a conclusões incorretas. A inexistência da oferta, e da busca ativa seria a forma mais fácil e eficiente de diminuir a demanda e acabar com esperas.

A gravidade e complexidade do problema da saúde, como ocorre em quase todas as questões sociais em nosso País, não permite mais atitudes intempestivas, ideologias ultrapassadas e amadorismos oportunistas. Cada parte envolvida, desde os dirigentes da área até os políticos, passando pelos profissionais do setor e pela imprensa, devem oferecer sua parcela de contribuição crítica e responsável, procurando, entre outras coisas, aprofundar seu conhecimento da questão, cada uma dentro de suas atribuições específicas. Alarmar, difamar, denunciar, são verbos que, se conjugados de maneira irresponsável, rimam com estagnar, bloquear e mascarar.